



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

?Fazer a Social? e ?Resenha?: sexualidade, sociabilidade e violência na vida cotidiana de jovens em um bairro de periferia

Autoria: Michele de Lavra Pinto (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Daniela R. Knauth - UFRGS Andréa Fachel Leal - UFRGS Luciana Barcellos Teixeira ? UFRGS Kiyomi Tsuyuki - Universidade da Califórnia, San Diego/U

O presente estudo faz parte de um projeto maior sobre jovens cujo objetivo é avaliar a viabilidade e aceitação do autoteste de HIV entre jovens de 18 a 24 anos. Com o interesse em identificar espaços de sociabilidades com alto risco de transmissão heterossexual do HIV - chegou-se a um bairro periférico, que possui a maior incidência de HIV, na cidade de Porto Alegre, RS. Ao iniciarmos a pesquisa nos deparamos com um local distante do centro e que sofre com constantes episódios de violência oriundos do tráfico de drogas. Assim, nos debruçamos sobre as questões relacionadas à sexualidade, aos espaços e estratégias de sociabilidades frente ao impacto da violência no cotidiano da comunidade. Ao analisarmos a história do bairro é perceptível que este é capaz de transmitir as diversas construções de pertencimento para seus moradores, mas como os jovens elaboram estratégias, formas de comunicação e circulação, em um território distante do centro e marcado por episódios constantes de violência? O presente estudo tem por objetivo principal investigar os impactos da violência na vida cotidiana, na sociabilidade e sexualidade de mulheres jovens (entre 18 e 24 anos) moradoras de um bairro da periferia de Porto Alegre, RS. Ou seja, como as jovens de um território marcado pela violência do tráfico de drogas utilizam-se de estratégias e alternativas de sociabilidades e como constroem e mantêm suas relações afetivas. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, utilizando-se para coletas dos dados o método etnográfico. Os termos ?fazer a social? ou ?social? e ?resenha? ou ?rolê?, refere-se a festas, reuniões que são realizadas na casa de alguém do círculo de amigos. São festas mais



seguras? e com pouco dispêndio de dinheiro. Os bailes funk do bairro são promovidos, em sua maioria, pelo tráfico e, portanto, considerados locais inseguros e que, principalmente as mulheres de bem? devem evitar. A violência do tráfico afeta mais os homens, entretanto houve episódios em que mulheres foram mortas por estarem junto com o traficante alvo? (como namorada ou amiga), ou ainda atingida por bala perdida?. Assim, as jovens buscam lugares mais seguros para estar e/ou conhecer seus parceiros. No bairro não existem bares ou casas noturnas permanentes? que permita diversão - conhecer, namorar ou ficar? com alguém. As saídas para esses locais se dão fora do bairro. Os resultados demonstram a importância do olhar sobre como jovens de bairros periféricos são afetados pela violência e como se adaptam. Cabe salientar a importância de pesquisas multidisciplinares na área da saúde, pois como podemos pensar em espaços para disponibilizar, por exemplo, o autoteste HIV, se não há conhecimento do território em que o grupo alvo reside.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: